

CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA DE TEORIAS E METODOLOGIAS DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO SUPERIOR

Maria Vitória Ribeiro de Sousa¹

Caio Sidonio da Silva²

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência, a partir das vivências, discussões, leituras e aprendizados construídos enquanto mestrandos no Programa de Pós-graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), especificamente na disciplina obrigatória de Teorias e Metodologias da História, ministrada no primeiro semestre do curso. Neste trabalho unimos duas pesquisas situadas na linha de Poder, Memórias e Instituições. Onde a primeira, busca apresentar narrativas de milagres, a partir do uso de águas medicinais no Cariri cearense, por recomendação do Padre Ibiapina nos oitocentos (1868-1870). Assim, busca-se entender o local e contexto regional em que se deu, tratando o espaço como campo de prática religiosa que fazem parte de uma cultura representada principalmente pelos aspectos religiosos da cultura popular. O segundo ensaio tem como objeto de estudo as práticas médicas executadas no final do período colonial pelo Dr. João Lopes Cardoso Machado, entre 1779-1821, período em que residiu na Capitania de Pernambuco até o fim de sua vida. Buscamos reconstituir o que significava ser médico e exercer a medicina oficial na América Portuguesa, bem como que impactos esse ofício produziu na sociedade colonial da Capitania de Pernambuco e suas anexas como a também Capitania do Siará Grande, elegendo a trajetória singular de João Lopes como um fio condutor para se conhecer e pensar o período.

Palavras-chave: Teoria, Metodologia, História, Formação docente.

INTRODUÇÃO

A disciplina de Teorias e Metodologias da História passou inicialmente pelas discussões dos principais fundamentos teóricos da História, lugar da produção epistemológica e suas subjetividades, transitando também pelo âmbito da história pública e do tempo presente. Nos pôs em contato com os impactos e contribuições das outras ciências no nosso *métier*, nos apresentando a importância da interdisciplinaridade para a construção do conhecimento histórico, bem como permitiu identificar e compreender as particularidades do nosso ofício com mais cautela. Esse período também nos ajudou a pensar correntes e campos da nossa ciência, assim como as dimensões éticas e morais da nossa escrita e prática.

Ao produzirmos conhecimento histórico estamos lidando com o desconhecido, o passado. Este, entendemos que não é possível recuperar em sua totalidade, no entanto, os

¹ Licenciada em História pela Universidade Regional do Cariri (2023). Mestranda em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE) na Universidade Estadual do Ceará, mvitoria.ribeiro@aluno.uece.br.

² Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestrando em História pela mesma universidade, caio.sidonio@aluno.uece.br.

seus rastros e vestígios deixados “falam” através do nosso trabalho. É a essência da nossa profissão o repensar, assim, a disciplina fez com que as nossas pesquisas ainda incipientes, enquanto mestrandos, passassem por novas reformulações, conhecendo e aderindo a novas metodologias, fontes e pressupostos teóricos.

Seguindo a proposta de Michel de Certeau, que explica a operação historiográfica a partir da “relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura) “. (2011, p.46). Assim, entendemos que partimos de um lugar social na pretensão de exercer o equilíbrio entre a objetividade e a subjetividade, ou seja, a “boa subjetividade” apresentada por Sabina Loriga (2012), para então desempenharmos a análise que resultará na escrita científica.

Os trabalhos dissertativos em andamento, estão vinculados à área de concentração de Histórias, Culturas e Espacialidades, pois constrói o seu debate a partir da perspectiva e base teórica da História Cultural ou da Nova História Cultural, que trouxe novas perspectivas para a construção da nossa historiografia, desse modo, a produção deste trabalho estará baseada no arcabouço teórico relacionando os conceitos trabalhados na disciplina.

A nossa profissão é transpassada por questões morais, visto que não há total neutralidade na produção do conhecimento, “relacionar moral e ordem temporal, a investigação ética se torna ferramenta da interpretação histórica para distinguir as sociedades e seus tempos” (KNAUSS, 2008, p.141), por isso fundamentamos nossa discussão sobre produção historiográfica a partir da diversidade e complexidade de assuntos e autores tratados, mas principalmente nas produções de Paulo Knauss, Jurandir Malerba, Sabina Loriga, Michel de Certeau e Leandro Seawright. Consequentemente, projetamos que para o aprofundamento da discussão sobre Cultura e Poder teremos de nos debruçar nas obras e contribuições de Peter Burke, Roger Chartier, Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

METODOLOGIA

Então, tendo em vista que as pesquisas de dissertações ainda eram incipientes, na realização dessa atividade historiográfica, estabelecemos um diálogo com base nas reflexões geradas a partir do arcabouço teórico proposto pela disciplina.

POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO TRABALHO HISTORIOGRÁFICO

São dois trabalhos dissertativos. O primeiro, se dedica a analisar os “milagres” ocorridos nas fontes do Caldas, então freguesia de Barbalha e comarca do Crato, hoje distrito da cidade de Barbalha no sul do Ceará e distante 500 quilômetros da capital. A narrativa dos milagres se desenrola a partir das figuras de Padre Ibiapina³, que em mais uma de suas missões religiosas pelo sertão cearense se depara com uma enferma, Luzia Pesinho⁴, e a aconselha banhos nas fontes cálidas, que resultam na “cura”, assim, faz-se emergir um fenômeno envolvendo tais indivíduos que geram um forte movimento religioso de peregrinações que corroboraram, consideramos, para a identidade local.

Partimos da tendência da História Local, firmada a partir dos anos 1950, bem como a historicidade do cotidiano, pois o fenômeno estudado ocupou o espaço através dos rituais cotidianos e criou representações que dão significado ao espaço experimentado. Assim, nos respaldamos nas “irmãs” História Cultural e História Social, como afirma Peter Burke (2005), tendo em vista que essa pesquisa analisa o sujeito sertanejo simples e suas práticas de fé que revelam suas formas de viver e pensar no oitocentos.

Desse modo, o presente trabalho pertence a linha de pesquisa Poder, Instituições e Memórias, pois objetiva-se identificar a Religião como instituição, atravessada pelo exercício do poder e componente fundamental das estruturas sociais da época que contextualizam o fenômeno em questão, visto que a criação e difusão dos discursos contribuíram, conjecturamos, para a identidade religiosa caririense. Além disso, o fenômeno é de caráter popular, então indagamos qual era o posicionamento da instituição eclesiástica diante de tais acontecimentos.

Levando em consideração a linha em que o trabalho está situado, temos como objetivo identificar o quadro sócio-político e as relações de poder envolvidas no “fenômeno” pois necessita-se compreender os modos e os agentes sociais daquele espaço. Segundo Peter Burke as “práticas” são um dos paradigmas da NHC: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica”. (2005, p.78) Dessa forma, situamos o uso da água da fonte do Caldas para fins curativos como uma prática religiosa e experiência de fé, pois conforme aponta Certeau (1998) “um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o

³ Padre cearense que percorreu os sertões nordestinos com suas missões, no período em que esteve no Cariri realizou benfeitorias, entre elas a criação do jornal A Voz da Religião no Cariri.

⁴ Segundo descrições do jornal, Luzia era moradora de Barbalha, parda, casada e paraplégica das duas pernas faziam três anos. A mesma tem seu nome ocultado em relatos memorialísticos que podem vir a ser utilizados como fontes neste trabalho.

funcionamento. " As transformações causadas por essa prática podem ser vistas não só no espaço físico com a construção da capela do Bom Jesus que originou a Vila do Caldas, mas também no movimento que gerou nos sertões trazendo ao Cariri inúmeros enfermos e peregrinos em busca de cura.

É preciso analisar os usos da água partir da concepção proposta por Stuart Hall (1997), pois toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. Portanto, esses agentes sociais passaram a atribuir significado a um fenômeno que para eles fazia sentido, estabeleceram uma relação entre o divino e o natural e assim uma ação social coletiva passou a ser uma prática cultural.

Entendendo que o trabalho do "historiador secciona e separa objetos (algum fenômeno social), que são por natureza imensuráveis e indivisíveis do todo no qual fazem parte" (SILVA, 2018, p.193) assim, assumimos que esta pesquisa possui caráter qualitativo ao selecionar, analisar, descrever e relacionar os sujeitos e o local envolvidos num acontecimento ou prática cultural permeada de subjetividades.

A pesquisa estabelece o recorte temporal de 1868 a 1870 pois foi nesse o período que se deu a circulação do periódico, que compreende a principal fonte deste trabalho, o jornal *A Voz da Religião no Cariri* (1868-1870), principalmente a sua seção a fonte miraculosa do Caldas, na qual é possível encontrar relatos de milagres realizados nas fontes do Caldas, a partir deste material iremos realizar a leitura, tabulação e análise dos relatos de milagres, baseando-se na "Crítica Documental" e Análise do Discurso.

Os testemunhos no jornal ou relatos memorialísticos se assemelham a "história da gratidão" explicada por Paulo Knauss (2008) como a tentativa de eternizar um indivíduo e seus feitos, neste caso, a figura religiosa e caridosa do padre Ibiapina e suas benfeitorias, a exemplo dos açudes, casa de caridade, entre outros. Então assumimos a responsabilidade de extrair das fontes documentais o que elas tem a nos dizer, questionando-as e problematizando-as, identificando principalmente o que não está descrito, o que há por trás dessas narrativas, que podem ser diversas e quais os seus interesses, pois a contextualização com os fatores socioculturais demonstra o engendramento das disputas de poder.

As fontes, isto é, os discursos históricos, possuem suas ambiguidades. Sabendo também que "o texto tem passado, indica pretéritos: coleções documentais, seriações, análises; o texto é, nesse sentido, um artefato criativo e deflagrado" (SEAWRIGHT,

2017, p.380), adotamos como método a crítica documental (como), pois a partir da investigação, contextualização e conexões dos documentos tal evento ganhará inteligibilidade. Desse modo, investigamos não só como essas narrativas foram produzidas, mas também recebidas ou esquecidas.

Segundo Paulo Knauss (2008), ritos revivem o passado e atribuem sentido laico ou sagrado a história. Assim, a descontinuidade dos ritos nas fontes do Caldas nos impede, mesmo com a dificuldade de encontrar fontes, de utilizarmos o recurso que comumente é utilizado na ausência de documentos escritos, a história oral. Apesar do jornal A Voz da Religião tentar “presentificar a experiência do passado por meio da lembrança.” (KNAUSS, 2008), ao incentivar corriqueiramente *“Ai grandes e repetidas maravilhas que se dando todas os dias na nascença do Caldas não devem ficar em silencio ou antes apregoadas somente pelos beneficiados”*.⁵

No entanto, a história necessita do ser social e das suas vivências para emergir, mas o tempo e a sociedade atribuem significado diferentes aos acontecimentos, assim a ruptura de tal fenômeno também revela as dimensões culturais e sociais das experiências daqueles indivíduos em tal temporalidade. Até o momento desta produção, só é do nosso conhecimento as histórias sobre o caldas, tipos de narrativas tidas por Jurandir Malerba (2014, p.32) como “história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica”, que é contada por cronistas ou “contadores de histórias populares, não treinados na reflexão histórica para a formulação de problemas, na pesquisa documental e na análise teórica e metodologicamente embasada” (GRAHAM, JR. 2000, *apud* MALERBA, 2014, p.33), enquanto “a história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público” (MALERBA, 2014, p.32).

Desse modo, cabe a este trabalho preencher tal lacuna, pois segundo João Ohara (2012) a ausência é uma condição de possibilidade, portanto, não podemos negligenciar que “a História se define como um campo de disputas sociais, que se traduz em torno dos usos do passado” (HARTOG e REVEL, 2001, *apud* KNAUSS, 2008, p. 145). Então, considerando que as memórias são individuais e coletivas, nos questionamos o motivo de tal acontecimento estar em “oculto” de certa forma e como essa sociedade trata esse passado, já que “a escrita da História põe em evidência os mortos” (SEAWRIGHT, 2017, p. 377).

⁵ VRC. 13 de dezembro de 1868. Optamos por manter a grafia do período.

Neste sentido, o foco deste trabalho está voltado para a ocorrência de milagres que ainda não foram explorados pelo trabalho historiográfico. A partir de Mircea Eliade (1992) compreendemos que os “milagres” não tem uma explicação racional, foge da realidade, é uma experiência que tange esta dimensão, é o contato com o sobrenatural. Ainda de acordo com ele “os progressos da etnologia cultural e da história das religiões mostraram que [...] as “reações do homem diante da Natureza” são condicionadas muitas vezes pela cultura – portanto, em última instância, pela história.” (ELIADE, 1992, p.15) Então como se construiu esse espaço sagrado? Somente conseguiremos responder a esse questionamento quando analisarmos historicamente a natureza dessa experiência religiosa, no seu âmbito sociocultural.

Faz parte do nosso ofício, ou seja, a “historiografia como prática social” (KNAUSS, 2008, p.140), identificar as continuidades ou mutações do modo de existir e agir desses indivíduos no mundo. Desta forma, buscamos identificar a alteridade, pois ela é a base para a compreensão do passado a partir do olhar do presente, então buscamos também analisar as permanências e rupturas das narrativas acerca do evento.

O TRATO COM O PASSADO, FONTES, METODOLOGIAS E CONCEITOS

O objeto de estudo da segunda pesquisa trata-se das práticas médicas efetuadas pelo Doutor João Lopes Cardoso Machado, entre 1779-1821, período em que residiu na Capitania de Pernambuco e trabalhou como médico, exercendo esse ofício também nas capitanias anexas a Pernambuco, como é o caso da Capitania do Siará Grande. Com base nisso, pretendemos compreender acerca do universo das curas e de um segmento social específico no período colonial brasileiro (os médicos), por meio da trajetória singular de um personagem (João Lopes).

Em razão de sua natureza temática esse objeto pertence ao campo da História das Saúde e Doenças, pois busca compreender processos históricos em diferentes níveis por meio das experiências de curas e de adoecimento. Acredito que a trajetória de João Lopes me possibilitara tecer alguns níveis de compreensão sobre a posição dos médicos na colônia no período colonial e a natureza desse ofício.

O caminho metodológico adotado seguirá o percurso da micro história, pois conceitos como jogo de escalas, trajetória e paradigma indiciário são necessários para nosso estudo. Buscamos observar elementos de uma época utilizando uma trajetória singular como meio para isso. Então buscamos considerar a vida de João Lopes e sua

trajetória como médico, porém sem perder de visto o contexto e o coletivo no qual está inserido, fazendo perceber o sujeito no todo (DEL PRIORI, 2009).

A profissão e o ofício de médico passam por uma série de transformações ao longo do século XVIII, gradualmente, determinados espaços no universo oficial das curas serão exclusivos aos médicos, esse segmento social passará por uma fase de ascensão e importância sobre seu papel na sociedade do Império Português, pois cabiam aos médicos cuidarem da saúde dos vassallos do rei. Tais sujeitos, tomaram consciência da importância de seu ofício e mudaram a forma de ver a si mesmos e seu lugar naquela sociedade. Portanto, além de curar o médico também era um representante de um pensamento, ele era o representante da medicina científica e deveria combater qualquer outra arte médica que não correspondesse ao saber acadêmico, pois o que distinguia o médico era necessariamente seu olhar especializado sobre o adoecer.

O que hoje de maneira clara se compreende por micro história, foi um movimento que não teve unidade, não se tratou de uma escola organizada com o objetivo revolucionar o ofício do historiador, a micro história era reconhecida como um conjunto de práticas para a abordagem histórica (REVEL, 1998). Revel (2010), afirma que com os estudos de Braudel sobre o Mediterrâneo e suas reflexões acerca do tempo de longa duração, foi colocado no centro do debate dos historiadores “a de apreender as realidades sócio-históricas nos quadros analíticos que as ultrapassam amplamente e dos quais se esperava que fossem capazes de restituir a mais justa perspectiva” (REVEL, 2010, p.435).

Consoante Catroga (2005), em análise crítica à produção dos Annales, a mudança de um paradigma consolidado para outro não pode ser compreendida como uma ruptura total, destarte mesmo que não fosse igual aos historicistas do século XIX, Braudel estava preocupado em construir uma base epistêmica que, definisse o conceito de História, o que essa ciência deveria pesquisar, seus conceitos e metodologia.

Os estudos em micro história se distanciaram explicitamente do modelo à época dominante e, ao mesmo tempo, tornaram visíveis as convenções tácitas que estavam na base desse paradigma (REVEL, 2010), pois mesmo que a micro história fosse um conjunto práticas de pesquisa diversas, o que unia esses estudos era o distanciamento do modelo que privilegiava uma visão macro histórica nas análises.

Em razão disso, o conceito de jogo de escalas é central para micro história, posto que guarda uma distância crítica em relação à abordagem macrossocial. Seu objetivo é perceber que uma realidade social pode ser conhecida de maneiras diferentes dependendo do nível de análise. Nesse sentido desconsiderar o indivíduo, as trajetórias, as estratégias

sociais, seria negligenciar detalhes constituintes da própria compreensão do passado, mas também é “(...) possível ler nela o esboço de outra modalidade de análise social, própria de uma história que almejasse atentar para a experiência dos indivíduos captada nas relações que eles mantêm com outros indivíduos” (REVEL, 2010, p.438).

Então, ao variar a escala de observação elegendo a trajetória singular de um médico, não pretendemos contrapor alto e baixo, macro e micro, mas alcançar experiências, estratégias e relações que uma análise macro histórica talvez não consiga apreender. Ao considerar a experiência específica do Dr. João Lopes, percebemos um cenário bastante complexo envolvendo o que significava ser médico por estas bandas do atlântico, visto que fontes evidenciam que, João Lopes retirou proveito de seu lugar de médico, sobretudo ao solicitar pedidos de mercês em benefício próprio, de seus filhos e filhas. Nesses pedidos, também é possível observar de que modo João Lopes construía uma autoimagem de si, por ser médico, e que há uma consciência de seu papel e seu lugar naquela sociedade de Antigo Regime nos Trópicos.

Os dois principais arquivos para o levantamento da documentação utilizada neste trabalho, foram o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e o Arquivo Histórico Ultramarino, fundo da Capitania de Pernambuco. Procuramos não só considerar qualquer documento que tenha o nome de João Lopes, mas que fosse possível estabelecer o nexo entre o indivíduo, o médico e o contexto da época.

É aceitando que a trajetória de João Lopes é um passado-presente e não um passado em si, que passaremos a narrativa do objeto, considerando que todas as abordagens, organização e cronologia não são dados em si, pois embora encontrem materialidade no presente, as teorias balizam o tempo todo esse processo, ou seja, é uma subjetividade sempre controlada (LORINGA, 2012).

Acreditamos e a historiografia especializada aponta, que a ascensão social de fato ocorreu para o segmento dos médicos, porém o que a experiência de João Lopes evidencia inicialmente, é que por muitas vezes, esse lugar precisou ser conquistado e disputado. Ressaltamos que todo conhecimento histórico é filho de seu tempo, destarte a escrita da história é a concretização de um determinado passado que, de algum modo, busca presentificar um passado que está “morto” e que somente pode ser conhecido em partes. Assim, entendemos que não faz parte do nosso ofício representar de maneira totalmente precisa o passado tal e qual ele foi vivido.

Segundo Seawright Alonso (2017) este passado está “morto” e dele apenas possuímos “assombros” (fontes), em grande parte, a escrita da pesquisa resulta da vontade

de tornar um passado-presente, sendo inevitável a presença de elementos da imaginação para conectar, problematizar e, sobretudo narrar. Nesse sentido, qual seria a função deste texto/pesquisa, se as metodologias empregadas não representam fielmente o objeto? Portanto, seria a trajetória desse médico, bem como o contexto apenas fruto da imaginação pessoal deste autor?

Segundo Loriga (2012), o outro, “passado”, só pode ser encontrado senão na imaginação do historiador, portanto a subjetividade está presente o tempo inteiro na elaboração do trabalho, para isso é necessário reconsiderarmos o conceito de fonte histórica. Em nosso estudo compreendemos fonte por meio do paradigma indiciário, fonte não é prova do passado, não é o passado em si, visto que este está “morto”, elas são indícios ou “assombros” de algo que já “morreu”, mas ainda está presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou explicitar os caminhos e possibilidades teóricos-metodológicos em que se pretende seguir para a elaboração de uma dissertação de mestrado, como é a prática da metodologia da História. Destacamos aqui também a importância da incessante busca por fontes no trabalho historiográfico e o rigor com que devem ser tratadas. Enxergando a necessidade de um levantamento de fontes basilares para a solidez das pesquisas, buscamos novas fontes desde o ingresso no programa.

Em síntese, na primeira pesquisa, tomamos como fator central a relação de religião e poder, pois o jornal é de caráter religioso e missionário, além disso a sua existência e divulgação atendiam aos interesses do seu fundador padre Ibiapina protagonista do fenômeno milagroso e que aparece no jornal como um enviado de Deus. Dessa forma, não podemos ignorar o caráter político do fundador do impresso que atuava para a construção identitária regional através dos discursos dos curados.

Logo, compreendemos o espaço para além da sua materialidade, percebemos a sua complexidade pois o mesmo é composto de subjetividade e pluralidades, entre elas o imagético popular e sua forma de expressá-lo nos testemunhos e narrativas de milagres. Ademais, as ações individuais e coletivas de um povo falam muito sobre sua cultura e identidade, a crença no poder curativo da água nos possibilita entender como constituía-se a mentalidade do povo da região naquela época através da concepção do adoecer e curar-se através da tentativa de salvação a partir do ingerir ou da imersão. Não foi possível

encontrar registros científicos que expliquem os milagres presenciados no Caldas cariense, no entanto, a recorrência de experiências, os testemunhos registrados no jornal e em documentos, e as peregrinações deram legitimidade ao fato.

No segundo trabalho dissertativo, o objetivo foi como a experiência singular de um médico que viveu, entre os finais do século XVIII e início do século XIX, pode oferecer informações importantes para se pensar o universo das curas no final do período colonial, mormente nas Capitanias de Pernambuco e Siará Grande.

Por meio dos conceitos da micro história, mormente trajetória, jogo de escalas e paradigma indiciário, buscou-se problematizar o que era o ser médico no período colonial, entendendo que João Lopes não é somente um fim em si, mas sua trajetória, suas escolhas, atuações e ideias, também são frutos de seu tempo e seu contexto.

O percurso teórico-metodológico seguiu ancorado em duas perspectivas históricas, a História das Saúde e Doenças, sendo importante compreender que saúde e doenças são conceitos historicamente construídos, e que esse campo trata para além das enfermidades e seus desdobramentos sociais, também pode debruçar-se sobre instituições e sujeitos que possam ser abraçados por práticas médicas de curas. Nesse sentido, percebemos o esforço para associar o papel do médico e suas práticas aos projetos de Estado. Observamos, por outro lado que se de fato essa ascensão aconteceu, percebemos através da singularidade de João Lopes, que tal ascensão precisou ser conquistada, justificada ou disputada.

Por fim, indicamos aos leitores interessados nas temáticas trabalhadas em nossas pesquisas dissertativas, buscarem outros trabalhos já publicados que aprofundam mais sobre os assuntos, bem como entrar em contato através dos nossos e-mails institucionais e profissionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação Cearense de Apoio Ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela bolsa acadêmica concedida a autora deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

CATROGA, Fernando. Teoria da História dos Historiadores. **Trajetos Revista de História UFC**. Fortaleza, vol.3, nº 6, p.11-42, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n.19, jul.-dez. 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Pâmela. Os médicos na capitania de Minas Gerais e suas comunicações com a esfera régia de poder (1772-1807). **Revista Ágora**, v. 34, n. 3, 2023.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

KNAUSS, Paulo. Uma história para o nosso tempo: historiografia como fato moral. **História Unisinos**, vol. 12, núm. 2, maio-agosto, 2008.

LORIGA, Sabina. O eu do historiador. **História da historiografia**, Ouro Preto, MG, n. 10, dezembro, 2012.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, MG, v. 7, n. 15, 2014.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Passado histórico, presente historiográfico: considerações sobre "História e Estrutura" de Michel de Certeau. **História da Historiografia**, Ouro Preto, MG, v. 6, n. 12, p. 197–212, 2012.

REVEL, Jacques. Micro história, macro história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. v.15. n. 45.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques(org.). **Jogos de escalas a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap. 1, p. 15-38.

SEAWRIGHT, Leandro A Teoria da História – a escrita, o lugar do morto e do assombro: diálogos com Michel de Certeau. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, maio/ago., 2017.

SILVA, Augusto. Notas Introdutórias para o estudo da Teoria da História. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 11, n. 1, jan./jun, 2018.